



p. 6 e 7

PARA ACOLHER MELHOR

Era preciso criar condições para acolher melhor. Foi assim que a Casa Verbo Divino, para muitos conhecida como Seminário do Verbo Divino, em Fátima, fechou as portas para as abrir a uma multidão de trabalhadores que durante meses ali destruíram e construíram.

Hoje podemos encontrar nas palavras do P. Valentim Gonçalves, Superior da comunidade dos Missionários do Verbo Divino, em Fátima, alguns elementos sobre o processo de transformação desta estrutura. Algumas fotos convidam-nos a entrar e a deixarmo-nos surpreender. O profissionalismo de quem acolhe marca as primeiras impressões. A vida só acontecerá na medida em que os espaços se deixem habitar pelas pessoas que ali possam encontrar resposta ao que procuram.

p. 2

O AGORA DE DEUS

Os desafios que hoje nos são apresentados têm nomes e rostos. Como cristãos não nos podemos alhear ou fazer de conta que não têm nada a ver connosco. É ao *agora de Deus* que é preciso responder.

p. 3

TUDO E TODOS, SEMPRE EM MISSÃO

A missão acontece quando os cristãos dão espaço à ação de Deus. É desta maneira que na diocese de Portalegre-Castelo Branco se vão escrevendo algumas páginas sobre o Ano Missionário da Igreja em Portugal.

p. 5

A HERANÇA DOS MÁRTIRES

Num tempo onde o relativismo pretenderia ocupar todos os espaços, é fundamental manter viva a memória dos mártires. A herança que eles nos deixaram aponta para o testemunho de vida e fé nos passos do quotidiano, no meio das maiores adversidades. O amor a Deus e ao próximo está escrito na vida dos mártires.

p. 10

JEAN VANIER O PROFETA DA TERNURA

A vida de Jean Vanier diz da existência de Deus. Foi na sua relação com as pessoas em situação de debilidade que a conversão foi acontecendo. Para lavar os pés a outra pessoa é preciso descer dos nossos pedestais. Jean Vanier advertia que ignorar o sofrimento dos pobres significa ignorar Deus.

PENSAMENTO

S. José Freinademetz

Muitas vezes me ajoelhei perante o Santíssimo Sacramento, pedindo que o Espírito Santo me iluminasse nesta situação tão delicada, a fim de não dar um passo em falso e procurar única e exclusivamente a glória de Deus.

p. 4 CONFIEMOS,
DEUS PROVIDENCIARÁ

p. 8 CRISES DE MIGRAÇÃO

p. 9 COMBATER OS LOBOS
DO SÉCULO XXI

p. 12 50 ANOS DE
ORDENAÇÃO SACERDOTAL

QUER AJUDAR MOÇAMBIQUE?



Faça o seu donativo para o IBAN:
PT 50 0010 0000 3658 9570 0014 8

A JANELA DO TERCEIRO E A NOSSA CASA INTERIOR

JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial



Lembro-me de que era uma quarta-feira de sol.

Encontro na paragem do autocarro um colega verbita, que também esperava ligação até ao metro mais próximo. Uma ambulância chega e estaciona do outro lado da rua. Duas paramédicas saem com os apetrechos de primeiros socorros e dirigem-se para a entrada do prédio em frente à paragem. De repente, abre-se uma janela, no terceiro andar, e um rol de pequenos objetos começam a voar pela janela fora. Uma senhora, ainda jovem, blusa branca e cabelo pelos ombros, continuava a atirar pela janela quadros, fotografias, vasos, ...

As paramédicas, de telefone na mão a tentar que lhe abrissem a porta, olhavam desconfiadas para o cenário. De repente, sai pela janela uma televisão que se desfaz em mil pedaços. Uma delas deu um grito de alívio por ter tirado a cabeça mesmo a tempo. Tinha chegado a vez do quarto: eram almofadas, lençóis, colchas...

O autocarro chegou. Nem o meu colega nem eu o apanhámos. O insólito atraindo. A nossa curiosidade tinha fome do próximo capítulo.

Da janela, caíam agora palavras que atingiam a todos na sua reputação moral: às paramédicas dizia que elas eram, e a nós dizia que éramos filhos de mães que o eram. Um rapaz com um balde e uma esfregona deve ter deixado a meio a limpeza de umas escadas para se juntar a nós.

No café, ao fim do dia, não se falava noutra coisa. A vida da senhora estava sobre todas as mesas e era mexida como o café. Na boca de uns mais doce: "coitada"; na boca de outros mais azeda: "doideira".

E nós, se tivéssemos que atirar alguma coisa pela janela fora o que é que atiraríamos?

O verão chegou e com ele os dias das férias. Será, certamente, um tempo favorável para darmos uma olhadela atenta à casa interior de cada um de nós. Talvez encontremos aquilo em que andamos sempre a tropeçar e nunca fomos capazes de arrumar. Neste verão, demos mais uma oportunidade à vida. Façamos como a senhora do terceiro: fora com os trastes que tiram, no coração, lugar ao amor. Abramos a janela ao Espírito e o coração encontrará força para a mudança.

Bom verão. Boas férias.



JOSÉ AMARO
joseamaro1954@gmail.com

mãos férteis



meditação

O agora de Deus

Vivemos tempos em que as desculpas são cada vez menos aceitáveis ou até intoleráveis no que respeita ao nosso compromisso cristão. Ou somos ou não somos e tiremos daí as consequências necessárias.

São tempos que apontam para a necessidade de *recuperação* de causas velhas para tempos que se querem novos. Sabemos que a velha fome continua por aí dizimando vidas, muitas vidas. É uma realidade inaceitável e imoral, pois enquanto muitos milhares morrem de fome há muitos milhares de toneladas de alimentos lançados diariamente no lixo ou que simplesmente se estragam nos locais onde são produzidos.

Uma outra causa incontornável é a dos migrantes que há séculos aflige e desafia a humanidade. A migração não é um fenómeno de hoje é um fenómeno de há séculos que precisa de ser acompanhado,

estudado e orientado politicamente de modo a poupar vidas e valorizar povos e culturas.

Assim, é proibido cruzar os braços enquanto a fome continuar a matar despididamente e os humanos continuarem a rejeitar os seus irmãos de outros países e continentes que simplesmente procuram melhores condições de vida.

Uma outra causa a que é necessário dar corpo é a de levar os humanos a lutar pela conservação e arrumo da sua própria casa. Quando ouço falar na casa comum vem-me à mente o filme **Dersu Uzala**, realizado por Akira Kurosawa. Trata-se de um hino à convivência e harmonia entre os seres vivos e uma imagem do elevado preço que o progresso nos cobra.

Implantar o reino de Deus aqui e agora não é adiá-lo para a eternidade futura é antes e sempre que

possível ir construindo proximidades e cultivando fraternidades.

Os desafios que estas causas (fome, migrantes, planeta Terra) colocam aos cristãos é que eles não podem em nenhuma circunstância alhear-se e fazer de conta que não têm nada a ver com elas, pois eles não são só desafiados a ajudar a combatê-las e a enfrentá-las, mas através delas dar corpo ao "agora de Deus".

É também por este mundo injusto e muitas vezes cruel e cínico que Deus anda e quer andar, mas ao mesmo tempo também carregado de esperanças e sonhos.

É facto que certas realidades da vida – tanto as que nos engrandecem como as que nos humilham – só se veem com os olhos lavados pelas lágrimas. Mas também sabemos que os humanos não sabem ou têm vergonha de chorar.

Chorar limpa a alma e o coração para que ela acolha a misericórdia e ele a compaixão. E só a compaixão e a misericórdia nos ajudarão a dar passos verdadeiramente significativos na luta pela eliminação da fome, por um acolhimento mais humano e fraterno dos migrantes e a saber cuidar com carinho da nossa casa comum e de todos os que nela moram.

Como cidadão: como olho a fome? Como abraço o migrante? Como cuido da casa comum? Sou insensível ao sofrimento dos outros? Sou xenófobo? Aproprio-me do que é de todos? •



O OLHAR DO ZÉ DA FONTE



TUDO E TODOS, SEMPRE EM MISSÃO

JOAQUIM VALENTE

Na diocese de Portalegre-Castelo Branco, o arranque para o Ano Missionário foi dado pelo Bispo D. Antonino Dias, no Dia Diocesano. O Senhor Bispo delineou as orientações para todo o Ano Pastoral, acentuando a vertente missionária. Tendo sempre presente a dimensão *ad gentes*, acentuou a necessidade de se criar uma cultura missionária na Igreja local, a começar pelos agentes pastorais.

No Dia Missionário, realizado a 20 de outubro de 2018 no Sardoal, foi proposto que se realizasse em cada paróquia um dia ou semana missionária, aproveitando a passagem de um símbolo, para assinalar o Ano Missionário. Este símbolo consiste num mapa que passará por todas as paróquias, proporcionando que se realize um dia ou uma semana missionária.

No final do mês de outubro, em assembleia festiva da diocese, tal como num *puzzle*, se completará o mapa da diocese. O ano missionário na diocese de Portalegre-Castelo culminará num Congresso Missionário a realizar na cidade de Portalegre, no dia 27 de outubro.

No arceprelado de Ponte de Sor, onde se situa a Zona Pastoral de Nisa, há o costume de os padres do arceprelado se reunirem numa comunidade tida como mais afastada da sede da respetiva paróquia. Essa dinâmica pastoral em conjunto tem-se demonstrado muito positiva. Neste ano, essa ação foi concretizada na localidade do Vale do Arco da paróquia de Ponte de Sor.

Na Zona Pastoral de Nisa implementámos em todas as paróquias um símbolo missionário que se mantém em todas as comunidades. Esse símbolo é renovado ou atualizado segundo a capacidade e criatividade de cada comunidade. As catequeses

dos vários grupos etários têm tido a sua tónica missionária.

Ponto alto a nível missionário foi o dia da catequese que se realizou no Sardoal e orientado principalmente para catequistas. Esse dia esteve entregue à comunidade paroquial de Alpalhão, pois as comunidades de Nisa estavam ocupadas com o encontro de jovens programado em conjunto com a Província Portuguesa do Verbo Divino.

Como estou a viver o ano missionário

Achamos que este ano missionário nos despertou muito mais para o sentido da Missão. Percebemos melhor que o batismo implica a missão, refletindo a frase *ser cristão é ser missão* e que esta se realiza nas diversas situações do nosso dia a dia.

Como catequistas dinamizamos as nossas crianças através do mealheiro missionário e de uma forma mais experiencial, para toda a comunidade paroquial, durante o tempo da Quaresma, com frases e símbolos referentes aos 5 continentes. A caminhada quaresmal levou-nos a entrar em sintonia com o nosso mundo, com os missionários dispersos no meio de um povo sedento de Deus e às vezes tão politicamente oprimido; a unir-nos



em oração por tantas pessoas que ainda não conhecem Deus e nunca ouviram falar de Jesus.

Percebemos mais profundamente o que disse Jesus: *“A seara é grande e os trabalhadores são poucos; pedi ao Dono da seara que mande trabalhadores...”*

Fica-nos o compromisso de rezar mais pelas vocações e de viver o compromisso missionário do nosso batismo.

M^a Virgínia e M^a de Jesus (catequistas)

Dia do Catequista

No dia 27 de abril, as catequistas de Alpalhão deslocaram-se ao Sardoal para participar no Dia do Catequista, sob o lema “Todos, Tudo e Sempre em Missão”.

Alpalhão representou o Continente Americano, apresentando os diferentes países que dele fazem parte, com roupas e adereços alusivos a alguns deles.

Através da encenação feita, alertámos e sensibilizámos todos para a importância dos missionários neste

continente, bem como as dificuldades sentidas no mesmo.

Tomámos também conhecimento do que se passa nos outros continentes, sendo que a pobreza, a discriminação, o racismo, a guerra, ... são comuns a todos eles.

De modo particular, achámos que foi muito significativo participarmos neste encontro e que este novo formato foi muito útil.

Paula Varela (catequista)

Semana missionária

Foi com muita alegria e entusiasmo que partilhei a minha paixão por Jesus Cristo e o que Ele tem feito na minha vida de consagrada, numa doação alegre e generosa ao serviço do Seu Reino, na pessoa de meus irmãos e irmãs. Sinto-me mais missionária e sinto em Jesus o amor que Ele derrama em mim.

Para mim esta semana foi rica de testemunhos da fé vivida tanto pelos que fomos, como pelos que nos receberam. Sinto que dei o meu melhor, experimentei uma vez mais a graça e a força de Deus na minha vida, e apesar do cansaço, foi muito mais o que recebi, da ternura das crianças, do entusiasmo dos jovens, da alegria dos idosos, do acolhimento dos adultos, do que aquilo que da minha fé e paixão por Jesus, dei e partilhei. Muito obrigada a quem nos proporcionou esta semana missionária e a quem nos recebeu.

Irmã Carlota Júlia (Teresiana)



Um calendário...
Um dia... uma frase...
uma foto... que lhe
podem dizer muito.
Abra-lhe a porta e o
coração.

**Calendário
Missionário - 0,70€**

Missionários do Verbo Divino

Rotunda dos Peregrinos, 101 - 2495-412 FÁTIMA - Tel: 249 534 116
proc.missoes.fatima@verbodivino.pt - www.verbodivino.pt

Uma agenda para ti.
Uma boa companhia...
leva-a contigo.

Agenda Jovem - 2€



• NO PAÍS DO PAPA •

CONFIEMOS, DEUS PROVIDENCIARÁ

LILIANA V. BARRIOS

A vida leva-nos a pensar no mistério que nos envolve. Neste exercício, muito facilmente entramos em altos sonhos, até que nos apercebemos realmente que a vida é um peregrinar para a verdadeira Vida.

Recordando Mamerto Menapace (monge beneditino e escritor argentino), podemos afirmar que “os pássaros também peregrinam”. A alguns parece-lhes que emigram, mas isso não é certo. O seu voo é sempre um regresso, e aquele que regressa é alguém que se pôs em caminho, na procura da vida. É a esta vida que, nestes tempos tão complexos, não lhe é dada o seu real valor, esquecendo-nos que é um dom maravilhoso.

Não pode deixar de levantar questões o facto de que em certas épo-

cas na Província de Jujuy (norte da Argentina), algumas pessoas decidem pôr fim à vida. Trata-se de um vazio espiritual ao qual se chegou na ausência da relação com o Deus da Vida.

Bem diferente seria a realidade se tivéssemos em conta aquela frase do escritor espanhol José María Ginorella ao referir que quando os homens nascem, Deus coloca nos bolsos da nossa consciência uma carta que diz “não mates nem te mates”.

Não há dúvida que esta realidade interpela, particularmente a quem está disposto a dar o seu tempo, tal como o faz o Dr. José Arcadio Menendez, médico cirurgião, pai de 6 filhos que, como leigo comprometido com a cultura da vida, abraça a missão de ajudar e pro-

mover a vida na atitude de amor que acolhe e que acompanha.

No caso mencionado, o Dr. José Menendez faz este acompanhamento através da *Fundação Vida*, entidade que a partir do seu nascimento a 10 de setembro de 2004, contando com um grupo de voluntários, procura dar atenção a quem, como último recurso, suplica por ser escutado.

Para este serviço necessitava-se uma linha telefónica gratuita. Uma empresa de Energia da Província de Jujuy assumiu esse encargo, encontrando o espaço adequado na colaboração com as Irmãs do *Lar Bom Pastor*.

Considerando os desafios deste projeto, os voluntários vão encontrando redes para envolver pessoas e instituições, animados

pelo Dr. José Menendez, que, antes de iniciar os trabalhos próprios da Fundação, vai repetindo: *Confiemos, Deus providenciará.* •

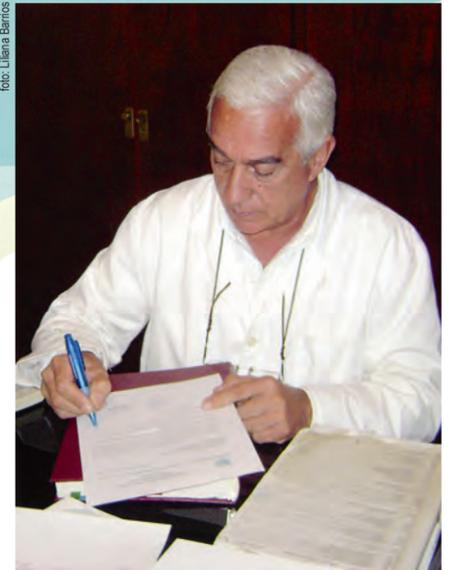


foto: Liliana Barrios

RETIRAR-SE NA MISSÃO DO SENDI

ASHWIN VAS



Encontramos nos Evangelhos que Jesus se retira para um lugar isolado para rezar. Na vida missionária como na familiar, retirar-se ocupa um lugar fundamental. Para se reencontrar, rejuvenescer, estreitar os laços e fundamentalmente, para descansar. Para um missionário, retirar-se não significa necessariamente ir para o retiro anual. Pode significar também uma mudança de ambiente. Neste sentido, encontro-me retirado na nossa missão do Sendi.

Junho foi um mês supercompacto. Começámos com a peregrinação diocesana ao santuário de Santo António e depois seguiram os casamentos comunitários, festa da paróquia, 1ª Comunhão nas quatro zonas da paróquia, culminando com os sacramentos do Crisma. Tudo correu lindamente. A experiência de planificar e executar juntos os trabalhos foi gratificante. As pessoas felicitavam-nos, mas tudo isso foi um longo processo. A tudo isto é preciso juntar o atendimento diário das pessoas que chegam ao santuário e o dos fiéis da paróquia.

A missão do Sendi, está situada na província de Huíla. Esta missão pertencia aos Missionários Espiritanos e, desde 2008, está confiada aos Missionários do Verbo Divino. À primeira vista, é algo muito alheio ao estilo verbita em Angola. Uma missão isolada, com internatos masculinos e femininos, centro de saúde

e escolas até ao 2º ciclo. Há também animais para cuidar e uma barragem. É uma missão com uma história de quase 100 anos que formou muita gente. Para mim, é um momento de reencontro com os meus confrades, principalmente com o eterno jovem, o Irmão Júlio que, com os seus 72 anos, continua a saltar como uma gazela. Além disso, é uma missão que quase não conhecia. De facto, estou de regresso a esta missão depois de 10 anos. Em 2009, com os meus primeiros dois meses em Angola, visitei a missão por umas horas, sem realmente saborear a vida desta missão.

Estou a aproveitar o ambiente para fazer algumas coisas que sempre gostei de fazer, tais como fotografar, caminhar, desfrutar o ar puro e pôr por escrito umas ideias que vão saindo como fruto das reflexões e leituras que, em Kifangondo, não consigo devido ao cansaço e à escassez de tempo. Desliguei-me de Kifangondo para poder viver melhor o presente, a não ser que alguém me ligue por um assunto pontual. Estou a viver o Sendi naquilo que puder, a experimentar a comida do lugar, conversando com as pessoas sobre a sua cultura, passeando com os internos do lar e tentando perceber as diferenças de viver a missão neste lugar. Depois deste meu retirar-me, voltarei a Kifangondo com o espírito renovado, pronto a dar o meu melhor. •

sub 10

sub 10

sub 10

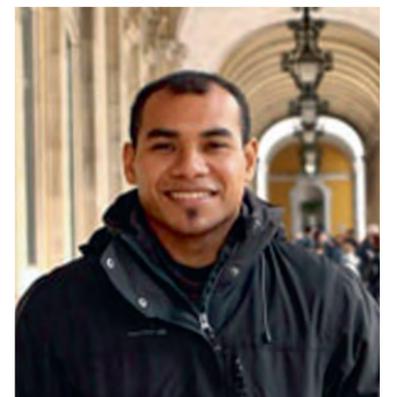
MODO DE VER

NICODEMOS MORUK

Desy Kartika Sari, estudante de Psicologia, contou a sua experiência: “Como muçulmana, tenho a ideia de que os sacerdotes católicos, que são celibatários, «violam» a natureza humana”. Esta ideia levou-a a pretender escrever uma dissertação sobre a vida celibatária.

Apresentou esta inquietação ao seu orientador, com a certeza de que ele ia aprová-la. Foi aceite a proposta. O seu orientador, também muçulmano, deixou um legado fundamental. Disse-lhe: “Não pode ver a vida celibatária a partir das lentes muçulmanas. Deixa estas! Vê-a com os olhos dos seus fiéis”. É preciso perceber o mundo pelo olhar dos outros. A partir daí, ela começou a fazer a investigação literária e a recolher as reflexões de alguns sacerdotes. A sua pesquisa induziu-a a mudar da visão inicial.

Como sacerdote religioso-missionário, aprecio o diálogo entre Desy e o seu docente. O que me faz pensar é a atitude do orientador abrir o horizonte. Penso que ele é um professor muçulmano liberal que tem a pura atenção à realidade e à ciência. A pureza de ver faz com que ele próprio e a sua aluna penssem com clareza e que possam ver o outro, enquanto é. Essa limpidez de olhar também gera as boas intenções para orientar a sua aluna, a ponto de esta descobrir “algo” de



bom e útil, sem pretender atacar, nem julgar.

Venho de um país muçulmano, Indonésia. Trago em mim uma cultura diferente da de Portugal. Integrei-me na Igreja Portuguesa há dois anos. O desafio constante é usar óculos de Portugal para ver a realidade deste país tal como é. E, aqui, preciso de mente pura, de ótica límpida, enraizada na Palavra de Deus, para que não fique preso a pensamentos estreitos e a interesses pessoais que inibam o autodesenvolvimento e a vida *comunitário-missionária*. Com esta consciência, estou motivado sempre para tentar “viver bem” em base do ensinamento de Jesus. Creio que é o amor que nos une! •

ECOS DO TEMPO

A LUTA INDÍGENA TAMBÉM DEVE SER NOSSA!

De todos os caminhos da vida há um que importa mais: é o caminho que nos leva ao verdadeiro ser humano.
Indígenas Moicanos



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

O Dia Internacional dos Povos Indígenas tem como principal propósito lembrar a inclusão desta população nos Direitos Humanos. A data, 9 de agosto, foi escolhida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em referência à primeira reunião do Grupo de Trabalho das Nações Unidas, sobre Populações Indígenas, realizada em Genebra, em 1982.

Em 2019, é celebrado o 12º aniversário da Declaração sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2007 pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). O documento estabeleceu padrões mínimos de sobrevivência, dignidade e bem-estar

para os povos originários de todo o mundo.

Nesta reflexão, importa dar maior dimensão aos povos indígenas brasileiros. Estão presentes em todos os estados e são mais de 896 mil pessoas de acordo com os dados do último censo. A diversidade é a marca dos povos originários indígenas, compostos por mais de 305 diferentes etnias e com cerca de 274 línguas.

O último relatório da ONU, que alerta sobre a velocidade com que as espécies estão a ser extinguidas (uma de cada oito está ameaçada), assinala que essa destruição da natureza é mais lenta nas terras onde vivem os povos indígenas do que no resto do planeta. Mas também destaca a crescente ameaça que ronda essas comunidades na forma de expansão da agricultura, urbanização, mineração e novas infraestruturas. O Brasil, que abriga a maior parte da Amazônia e o ecossistema mais rico do mundo, é um dos países onde essa ameaça é mais evidente.

Os indígenas brasileiros são cerca de 0,6% da população e vivem em

14% do território. Pode parecer pouca população com muita terra, mas cumprem funções-chave para preservar a natureza.

A especialista Nurit Bensusan detalha essas funções: “Por um lado, conservam a integridade das terras em que vivem e tentam, e frequentemente conseguem, evitar que entrem madeiros, garimpeiros,

Seria muito importante que a luta indígena também fosse nossa, a nossa verdadeira causa ambiental e ecológica.

grileiros e, como sabemos que a maior ameaça às espécies é a deterioração de seu meio ambiente, o papel que desempenham é crucial”. No ano passado, o desflorestamento atingiu 7.900 quilômetros quadrados, a maior área desde 2008. Mas, acrescenta a especialista, o papel dos indígenas tem uma segunda dimensão: “Por conhecerem tão intimamente as florestas, eles têm uma percepção muito antecipa-

da, antes de todos, das mudanças ambientais. Sabem como lidar com isso. Por exemplo, param de caçar em uma área durante um tempo e assim aliviam o impacto antes que quaisquer outros”. Os indígenas são parte essencial dos alertas rápidos e da prevenção. Muitos vivem nas mesmas terras há 10.000 anos. O que acontece no Brasil é fundamental porque tem efeitos no resto do mundo, já que é o país com a maior floresta tropical e o ecossistema mais rico do planeta. Contudo, é também, o país que lidera na perseguição e na morte de ativistas associados a movimentos em defesa do ambiente e dos povos indígenas.

Seria muito importante que a luta indígena também fosse nossa, a nossa verdadeira causa ambiental e ecológica. •

A HERANÇA DOS MÁRTIRES

JOSÉ ANTUNES

Junto à porta da capela do Colégio do Verbo Divino em Roma uma pequena placa de mármore informa que o mártir Ludovico Mzyk viveu nessa casa de 1929 a 1935, ali professou os votos perpétuos e foi ordenado diácono. Ludovico Mzyk faz parte de um grupo de 108 mártires polacos beatificados em 1999, faz agora vinte anos. Outros três missionários do Verbo Divino – Estanislau Kubista, Luís Liguda e Gregório Frackowiak – fazem parte do mesmo grupo de mártires.

A Polónia foi o primeiro país invadido pelo exército nazi dando origem à Segunda Guerra Mundial. O país sofreu muito durante a ocupação nazi. A Igreja não escapou aos ataques; foi perseguida e muitos cristãos foram presos e mortos por causa da sua fé. O Beato Ludovico Mzyk foi assassinado na prisão de Poznan em 1940. Tinha 35 anos. Estes mártires foram vítimas da barbárie nazi que se abateu sobre a Europa. Os mártires não procuraram o martírio. Estes foram assassinados porque não encaixavam na nova ordem nazi. Foram vítimas de uma ideologia louca que ignorava os valores humanos e a dignidade das pessoas.

IL MARTIRE LUDOVICO MZYK
ABITO' IN QUESTA CASA DAL 1929 AL 1935
PROFESSO' I VOTI PERPETUI IL 25/10/1931,
FU ORDINATO DIACONO IL 12/3/1932
IN QUESTA CHIESA



O Papa Francisco, na recente peregrinação à Roménia, beatificou sete bispos mártires do regime comunista. Na ocasião, disse que aquelas terras conhecem bem o sofrimento do povo, “quando o peso da ideologia ou dum regime é mais forte do que a vida e se antepõe como norma à própria vida e à fé das pessoas; quando a capacidade de decisão, a liberdade e o espaço para a criatividade se veem reduzidos e até eliminados”. Os mártires da fé, perante a feroz

Via dei Verbiti



opressão do regime, “demonstraram uma fé e um amor exemplares pelo seu povo. Com grande coragem e fortaleza interior, aceitaram ser sujeitos a dura prisão e a todo o tipo de maus-tratos, para não renegar a pertença à sua amada Igreja”.

Devemos manter viva a memória dos mártires. Eles deixaram uma preciosa herança, dando testemunho de como se vive a fé na vida quotidiana, no meio das maiores privações e dificuldades por amor a Deus e ao próximo. Quando estamos metidos em problemas, a nossa tentação é apelar a que Deus nos salve enviando em nosso socorro uma legião de anjos. Os mártires ensinam-nos a resistir ao ódio e à violência, mantendo as rotinas da vida quotidiana

e sendo fiéis à missão e às tarefas que nos foram entregues.

A placa comemorativa que recorda a passagem do Beato Ludovico Mzyk pelo Colégio do Verbo Divino recorda-nos que é possível resistir ao ódio e à violência. O seu testemunho e o de tantos mártires de ontem, de hoje e de todos os tempos, diz-nos que é possível travar o avanço do Mal e que devemos colocar sempre o bem das pessoas, e de cada pessoa concreta, acima das ideologias. •

PARA ACOLH

fotos ELÍSIO GAMA
texto ANTÓNIO LEITE

A Casa Verbo Divino, para muitos conhecida como Seminário do Verbo Divino, em Fátima, esteve fechada durante alguns meses. Os hóspedes e o estado das instalações gritavam por melhores condições. Elas aí estão.

Conversamos com o Superior da Comunidade, P. Valentim Gonçalves, para nos falar sobre este processo.



Foram meses de trabalhos em ritmo intenso. As obras eram mesmo necessárias?

P. Valentim Gonçalves (VG) – O edifício do Seminário já vem sendo intervencionado desde os anos setenta, com intervenções ora ligeiras, ora mais profundas, num esforço de adaptação à realidade de cada época. No momento, após 65 anos de utilização, chegamos a uma fase em que já não bastavam pequenas adaptações, que não passariam de cosmética. Estávamos perante um dilema: ou intervir em profundidade ou deixar ir degradando as instalações até ao ponto de as abandonarmos seja através do aluguer, seja da alienação.

Conscientes da responsabilidade que carregamos em respeitar o património material, cultural e espiritual que nos foi entregue, e ancorados numa atitude realista, optámos por uma reforma profunda, tendo em conta ainda os aspetos de ordem económica e financeira, que nos indicavam que quanto mais cedo avançássemos para a renovação, mais viável ela se tornaria.

Que partes da casa foram transformadas?

VG – Todo o edifício foi renovado, desde o telhado até à cave, exceção daquele tesouro que é a nossa “Capela Mãe do Verbo Divino”, a “Capela de S. José Freinademetz”, bem como o “Auditório Cardeal Tien” (agora chamado “Auditório dos Sobreiros”, nome integrado numa toponímia que aponta para a natureza e para a espiritualidade. Temos ainda a “Biblioteca” (com uma pequena intervenção e com um projeto de organização, que queremos concretizar). O exterior recuperou a dignidade e a imponência originais e o interior foi adaptado às exigências dos nossos dias. O enquadramento nos espaços verdes que nos rodeiam constitui sem dúvida uma mais-valia, potenciando condições de paz, serenidade, interioridade e recolhimento

para os que procuram essa oferta, que em Fátima é única e daí, algo que nos é específico e nos distingue.

Quais foram os objetivos de toda essa intervenção?

VG – Os objetivos consistem em responder à opção que fizemos: Renovar o edifício, respeitando a memória que ele encerra, mas de uma forma realista, não nos contentando com a contemplação do passado, mas antes, sem perder o passado que o explica, fazer com que ele, dentro de uma lógica empresarial, possa gerar fundos para a obra missionária, a começar pelas que funcionam entre nós e que não são financeiramente autossustentáveis; ao mesmo tempo criarmos autonomia e responsabilidade entre esta entidade hoteleira e a outra que é a comunidade dos missionários do Verbo Divino. O Verbo Divino, como muitos nos conhecem, não pode nem deve esgotar-se na dimensão hoteleira; há algo mais fundamental para além disso. Até porque, para além do edifício principal, há outros como a chamada “Casa Nova” e o originalmente chamado “Instituto Profissional”, agora mais na mira de estruturas para a comunidade e de apoio à evangelização.

A casa abriu não só com condições bem melhores, mas também com um novo nome. Qual é esse nome e o seu porquê?

VG – Buscando essa autonomia, que já vinha tentando praticar-se desde que o Seminário foi reconhecido como hotel, tivemos que assumir uma nova lógica e um novo conceito do que queríamos fazer: profissionalizar a sua gestão e dar-lhe o enquadramento adequado para a realidade que temos em termos de atividade, de marketing, de contacto ajustado ao tempo, nomeadamente através das novas tecnologias. Por isso, de entre várias sugestões, o nome “SDIVINE FATIMA HOTEL” foi escolhido por uma equipa de pessoas



ER MELHOR

envolvidas no projeto. Pensando nas pessoas a quem queremos chegar, utilizou-se a linguagem que pareceu suscetível de ser entendida, sem esquecer o “divine” ligado à congregação e “s” ligado à espiritualidade que desejamos que o edifício, com o seu enquadramento extraordinário e único, possa servir.

Como vai funcionar agora o hotel?

VG – A gestão ficará nas mãos de pessoas preparadas profissionalmente e competentes. Na linha das orientações gerais no mundo da Igreja, há tarefas que não precisam e não devem estar nas mãos de pessoas cuja preparação e missão é de outra ordem. Essa forma já está a



funcionar: a Diretora, com formação e prática no mundo da hotelaria, organizou as equipas e respetivos responsáveis, sendo os empregados

que aqui trabalhavam, integrados nas mesmas. Esta situação faz-me lembrar o nosso Seminário da Costa, Guimarães: não tínhamos nem capacidade nem meios para lá continuarmos; no entanto, para quem por lá passou por momentos importantes da vida, não deixa hoje de provocar alguma emoção e alegria saber que aquela riqueza monumental e cultural continua a ser preservada e otimizada, sem deixar de ser de certa maneira “nossa”, isto é, de quem lá viveu.

Trata-se de uma casa que diz muito a muita gente. Certamente que a marca Verbo Divino estará ali bem presente. Qual o lugar e o papel da Comunidade SVD?

VG – Diz muito a milhares de pessoas e muito especialmente àqueles que aqui cresceram, aprenderam, se deixaram cativar pelo projeto missionário do Verbo Divino, e que ficaram marcados por experiências indeléveis. Basta dar uma vista de olhos para o arquivo da casa para entendermos como esta casa tem uma história. Por isso, mantendo a memória, não meramente passiva e virada para o passado, procurámos com que o Verbo Divino continue presente, em primeiro lugar no objetivo de estar ao serviço da missão, tanto na manutenção de espaços que não foram alterados, bem como em manter os traços estéticos que imediatamente nos fazem sentir na

mesma casa, embora com roupa nova. Mas também assumimos um compromisso de reiniciarmos esta fase com a vontade de sermos mais criativos e inovadores ao nível de serviços prestados à Igreja, o que envolve todos os verbitas e os apóstolos que eles servem. Pensamos em acolhimento e serviços que podemos continuar a desenvolver, sem uma interferência que cerceie a lógica do hotel, embora com uma necessária articulação.

A comunidade e os confrades verbitas, têm os seus espaços e o seu funcionamento próprio, mantendo a sua identidade como grupo e como ministros ao serviço do povo de Deus.

Também ali funcionará o Secretariado Missionário do Verbo Divino. Como pensa que podem funcionar e como potenciar essas diversas áreas?

VG – Ao entrarmos no edifício, se virarmos para a direita, entramos num espaço belo, precioso, e com um grande potencial de alimento espiritual para quem não passar a correr e tiver alguma disponibilidade para se encontrar; se virar à esquerda entrará num corredor ao qual demos o nome de “Centro de espiritualidade Ad Gentes”, onde a lógica é a da Missão, com a Capela S. José Freinademetz, o Secretariado Missionário e espaços da comunidade.

Há funcionalidade e unidade naquilo que nos caracteriza. Há obviamente muitos desafios que são postos à nossa criatividade.

Que devemos esperar dos Missionários do Verbo Divino em Fátima?

VG – Aquilo que esteve na origem da sua vinda, e que hoje traduziríamos por: potenciar a formação de missionários; promover a animação missionária neste país; servir a Igreja local não apenas numa dinâmica de manutenção, mas deixando o sinal das dimensões características que são a nossa marca: promover a animação missionária, privilegiar a dimensão bíblica no anúncio do Evangelho, criar sensibilidade para a justiça, paz e integridade da criação; e anunciar a Boa Nova com a linguagem de hoje entendível por aqueles a quem nos dirigimos. Mas não há manuais e procedimentos que nos digam tudo o que temos de fazer e só isso fazer. Por isso não admira que se faça sentir por vezes algum desconforto. •



CRISES DE MIGRAÇÃO

TIAGO BOTELHO

O papel do cristão no acompanhamento e preocupação para com os migrantes deveria ser um papel de uma preponderância inquestionável, pois também o Povo de Deus foi obrigado a sair das suas casas no Egito e partir à procura da Terra Prometida. Também hoje o Homem vê ameaçada a sua vida junto da terra dos seus pais e é obrigado a deixar tudo o que ama e partir para um futuro distante e incerto.

Jesus e a sua família também tiveram de deixar a segurança da sua casa para rumar às terras do Egito devido à malfadada perseguição pelo rei Herodes (Mt 2,13-23). O contexto que motivou a família de Jesus a deixar a sua casa é o mesmo que hoje leva a que muitos procurem outros destinos – a falta de segurança. O flagelo bélico que assola muitos países é incomportável numa Terra que se quer santa, por isso muitos procuram a segurança almejada em terras que julgam terras de paz, onde os aguarda muitas vezes o ódio e a intolerância.

Mais uma vez reafirmo que o papel



do cristão deve ser o de um pai que espera e recebe o filho há muito perdido de braços abertos, como nos lembra a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). Ignorar este assunto é negar a Deus, pois só junto daqueles que sofrem O encontramos. A intolerância que tem pululado por muitas nações europeias, muitas delas com forte caráter católico, é incompreensível aos olhos de um

Evangelho que partilha palavras de esperança e amor ao próximo.

Não fechemos os olhos e, principalmente, não fechemos a nossa porta ao outro. Também nós já fomos estrangeiros em outra terra e Deus esteve sempre connosco, não deixemos que estas pessoas que procuram a esperança encontrem menos que o Amor do Pai à sua espera. •



MISSÃO EM VILA DE REI

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS

Missão é sair do sofá e ir ao encontro do irmão. Nesta missão, de 1 a 9 de junho, em Vila de Rei, houve encontros dominados pela fraternidade e amizade entre membros de vários Institutos Missionários.

O acolhimento na casa do senhor padre João com a sua escuta atenta foi um estímulo para partirmos diariamente em Missão.

Na comunidade das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (FMM), sentimo-nos em casa desde o primeiro instante.

Nos lares, escola, famílias, capelas, estabelecimentos públicos e nas ruas, fomos reconhecidos com muita alegria, proximidade e amabilidade.

As animações nos lares, ao nível de



música, acompanhada de guitarra e dança foram largamente correspondidas pelos utentes. Nos jogos, o divertimento foi maior que a competição, meia volta, volta e meia, lá estava o BINGO a demarcar uma nova partida. Os momentos de oração testemunham uma fé inquebrantável. As “exposições em mãos” de desenhos, bolinhas, pinturas e trabalhos artesanais, cativaram os nossos olhares. As refeições, tomadas em conjunto com os utentes e pessoal foram momentos deliciosos pelo sabor da comida e a companhia especial.

Na escola apreciamos o acolhimento, a simpatia, a falta da campanha que foi notada pelos gestos das crianças. A refeição em conjunto com as crianças e a afeição das pessoas demonstra uma grande cumplicidade entre adultos e crianças. Os trabalhos afixados sobre as preocupações sociais, ambientais e ecológicas, sensibilizaram-nos.

Podemos dizer que em cada casa dos doentes que visitámos, encontramos nichos de fé, amor e fidelidade que nos motivam para continuar a missão.

Nas várias capelas por onde passámos, o acolhimento foi caloroso, as Eucaristias vividas com profundidade e em ambiente de comunhão.

Nos estabelecimentos públicos e nas ruas o acolhimento não difere do referido atrás.

Agradecemos ao senhor padre João Pires Coelho, o acolhimento dos missionários na sua paróquia, às Irmãs FMM o facto de nos receberem na sua casa e a todas as pessoas. •

BATIZADOS E ENVIADOS

A MISSÃO NA AÇÃO EVANGELIZADORA DO CRISTÃO

ANTÓNIO LOPES, SVD
Diretor Nacional das OMP
Publicação MissãoPress

O Papa Francisco escolheu o mês de outubro de 2019 “Mês Missionário Extraordinário” para toda a Igreja católica com o tema: “Batizados e Enviados. A Igreja em Missão no mundo”. Ele pede uma maior consciência para a missão.

As Jornadas Missionárias, que se realizam nos dias 28 e 29 de setembro, em Fátima, respondem a esse apelo do Papa com o tema: “Batizados e Enviados. A missão na ação evangelizadora do cristão”.

Neste Ano Missionário será que sentimos este “pulsar” missionário? Sentimos reavivar em nós o nosso Batismo? Sentimo-nos Enviados com esta característica de estarmos “Todos, Tudo e sempre em Missão”?

O objetivo destas Jornadas Missionárias é avivar “um anúncio que oferece aos crentes, mesmo tíbios e não praticantes, uma nova alegria na fé e na fecundidade evangelizadora (EG 11), aprofundando o significado do nosso batismo e o porquê de sermos enviados.

Batizados. Quando no dia do batismo se pergunta: “Que pedis à Igreja para o vosso filho?”, a resposta sai aberta e franca: “O Batismo!”, o mesmo é dizer “a Fé!”. A fé em quem? Em Jesus Cristo! respondemos todos. O batismo é esse encontro com Cristo; um estar com Ele, para aprender dele a ser verdadeiros discípulos missionários.

Reviver o nosso batismo é “Voltar a Jesus”. “Voltar a Jesus” é reencontrar-se com Ele, para fazer vida com Ele, e anunciá-lo.

“Voltar a Jesus” é proclamá-lo com a coerência da vida, mas também com palavras, apresentando-o como nosso Mestre e Senhor. É que podemos estar a viver um cristianismo de alguma maneira não cristão, carente de Evangelho e à margem de Jesus.

Enviados. Ninguém deve guardar para si a revelação do encontro com Jesus Cristo. Ela chega até nós para a comunicarmos aos outros; para gerar vida espiritual nos outros e despertar a capacidade do encontro pessoal e íntimo de todo o ser humano com Deus.

Com diversos nomes, o Papa Francisco apela à necessidade que a Igreja saia de si mesma, saia a evangelizar se quer ser fiel a Jesus. É por isso que fala de “uma Igreja missionária”; de “uma Igreja em saída”, de “uma Igreja de portas abertas”; “uma Igreja livre de si mesma”, livre das suas preocupações internas e mais aberta às necessidades das pessoas de hoje.

A Igreja missionária é uma Igreja que sai, inclusive que muda de lugar. Mas é importante sair com uma finalidade, que não é outra que a missão que Jesus nos entregou: Evangelizar.

Evangelizar não é obrigar; é propor.



A proposta tem de ser feita sem pressas (de resultados) e desde dentro, entrando na cultura do outro, conhecendo a sua forma de vida, partilhando com ele, dando-se a conhecer, escutando e oferecendo-se (cf. EG 46).

Como seria bom sonhar com o Papa Francisco com uma “opção missionária capaz de transformar tudo: os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial para que se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual” (EG 27).

Conto contigo nestas Jornadas Missionárias! •

VOCAÇÃO E MISSÃO

BÍBLIA

AILTON LOPES

PAULO: FILÓSOFO OU TEÓLOGO?

A Grécia antiga é comumente conhecida como a casa dos grandes filósofos, tais como Platão, Aristóteles e Sócrates. Ainda hoje, quando falamos de filosofia invariavelmente teremos que nos remeter aos gregos. Para os gregos, a filosofia era muito mais do que uma disciplina académica ou um modo de vida; era a essência da vida prática, política e até espiritual. A educação grega foi responsável pela formação de notáveis filósofos, bem como de grandes escolas, tais como o epicurismo e o estoicismo.

Saulo, que depois para os cristãos se tornou Paulo, não era estranho a esse mundo filosófico. Lucas recorda-nos as disputas que Paulo teve com os epicuristas e com os estoicos na praça central de Atenas (Cf At 17,17-31).

Com a destruição de Atenas, muitos filósofos procuraram refúgios noutras cidades, entre as quais estava Tarso. A história de Tarso como escola filosófica é-nos contada pelo historiador, geógrafo e filósofo Es-



trabão, que também era conhecido como alguém pertencente ao grupo dos estoicos. Estrabão chegou a declarar que as escolas filosóficas de Tarso eram melhores do que as de Atenas e Alexandria: "Aqueles esco-

las, estão em melhor estado do que aquelas em Atenas e Alexandria."¹ O período a que ele se refere coincide com a adolescência do jovem Saulo. Estrabão afirma ainda, numa carta enviada ao imperador Augusto e Tibério, que alguns notáveis estoicos foram formados em Tarso. Assim sendo, uma pergunta se impõe: Não estaria Saulo entre esses filósofos? Essa pergunta é de difícil resposta, e o nosso tema também não é esse. Contudo, é certo que Paulo desenvolveu um novo sistema de pensamento abandonando as categorias judaicas de «lei e messias» e apresentou aos pagãos a ideia de Jesus como o Kúpioç (Senhor)².

¹JORGE DESERTO E SUSANA DA HORA MARQUES PEREIRA, Estrabão, Geografia. Livro III, Introdução, tradução do grego e notas, Portugal, 87.

²Cf. AMADOR ÁNGEL GARCIA SANTOS, Diccionario del griego bíblico, España, 2016, 511. ó Kúpioç, adj. Que tiene autoridad o pleno poder sobre algo o algn. (Ex 21,8) 2. Sust. El que tiene un poder absoluto sobre algo o algn.

COMBATER OS LOBOS DO SÉCULO XXI

DAMIÃO LELO

As palavras de Cristo – “envio-vos como ovelhas para o meio de lobos” (Mt 10, 16; Lc 10,3) –, expõem um caminho não «apaziguante». Os cris-

criam uma história direcional nem uma sociedade estável. Multifacetados são os lobos do nosso tempo: terrorismo, populismo, neofascismo,

No dizer de Dulce Maria Cardoso, em *Aquele Domingo*, “cruzamo-nos a cada instante com a possibilidade de morrermos”.

Diante desses lobos contemporâneos, ser cristão, no aqui e no agora, é um caso sério. É preciso mergulhar nessas ondas, a ponto de saber ponderar e saber fazer o bom combate. Porque “se o futuro da Humanidade se decidir na nossa ausência, [...] não ficaremos imunes às consequências”, diz Yuval Noah Harari. E, não é escusado ser “prudente e firme”, colocando o coração no grande horizonte, não apenas no pequeno ecrã do iPhone 8. Em que horizonte devemos apostar?

As palavras de Timothy Radcliffe, em *Ser Cristão, Para quê?* são prestáveis: “na nossa sociedade fraturada pela desconfiança, a contribuição cristã deveria ser não apenas o cuidado com as palavras, mas também uma compreensão própria do que significa usá-las com verdade. Podemos não ser muito mais verdadeiros do que outras pessoas, mas seria de esperar que fôssemos verdadeiros de maneira a surpreender e intrigar”. É isso exercer a autoridade e o bom combate! •



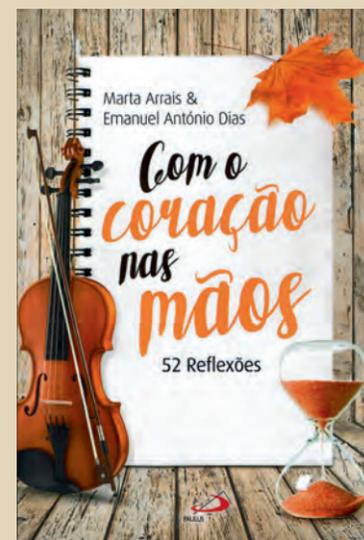
tãos encaram sempre uma tensão, uma situação constrangedora. No tempo de Jesus, os lobos eram os fariseus, os escribas e a elite política que se opunham, em matéria social, política e religiosa, à sua Pessoa e à Verdade.

Hoje estamos numa encruzilhada. Deparamo-nos com várias contrariedades, diversas oposições, que nos importunam, porque não nos

inteligência artificial, guerra cibernética, abusos sexuais, prática de aborto, eutanásia, mudança de género, indiferença, xenofobia, «fake news e hoax» – notícias falsas e mistificação. Tudo isso vem colmatar a suspeição do futuro da Humanidade. Induz à crise de confiança e de verdade. Quando não há credibilidade e verdade, não há direção. É o fim da história. É a “morte” da narrativa.

Contacto svd
RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



Com o coração nas mãos é uma coletânea de 52 textos. Uma reflexão para cada semana do ano. Uma companhia para quem gosta da aventura do mundo interior. Alimento para as nossas almas num mundo cada vez mais complexo e de opiniões fáceis que nos afastam da Verdade. Os seus autores são dois jovens que pensam e sentem como jovens, partilham as suas reflexões, inquietações, indignações. Mas, sobretudo *inspiram, entusiasmam, contagiam* alegria, esperança e fé.

Inspiram...

A sentir o toque de Jesus pois todas as transformações vêm através do seu toque;

A abrir os olhos para ver, mesmo quando está muito nevoeiro, pois há pessoas à nossa espera;

A recomeçar, sem medo de nascer de novo.

Entusiasmam...

A seguir na direção do que faz arder o coração;

A aprender que vale a pena cair, para nos lembrarmos de que somos herdeiros da fragilidade;

A não fechar as mãos a quem passa, a quem fica, a quem não tem nada, a quem tem tudo.

Contagiam...

A alegria de que só uma vida ferida poderá ser vivida;

A esperança de que a vida só é resolvida quando nos envolvemos nela;

A fé que impulsiona o cristão a rasgar o coração para o mundo.

«Apesar de tudo, não devemos fugir das feridas do mundo e virar-lhe as costas; temos, ao menos, de vê-las e tocar nelas, e deixarmo-nos agarrar por elas.» Tomáš Halík

OPINIÃO

ZAQUEU DE JERICÓ



JORGE FERNANDES

jfernandes1875@gmail.com

A história evangélica é bem conhecida (Lc. 19, 1-10). Fala de Zaqueu, um chefe de cobradores de impostos, pequenito de estatura, mas de coração grande, insatisfeito e ansioso por dar à vida uma orientação nova. Vivia em Jericó, uma cidade com memórias perdidas na História, um oásis no deserto da Judeia perto do Mar Morto. Era um colaboracionista, desprezado e temido pelo povo, influente e próximo daqueles que pela força das armas dominavam a Palestina. Um dia, Jesus passa por Jericó e faz-se hóspede na casa deste homem. Os bem-pensantes e donos da religião estão desconcertados e perguntam-se: Como pode o Profeta de Nazaré hospedar-se em casa de Zaqueu? Não haveria na cidade casas mais respeitáveis?

A história de Zaqueu mostra-nos que o cristianismo é incompatível com uma apropriação de Deus por parte dos crentes. Paulo foi um dos que entendeu isso de forma mais radical. Deixando para trás a religião dos seus pais, abre-se à novidade total, que lhe foi revelada às portas de Damasco. Corta com a ideia de Deus, propriedade do seu povo, para perceber que Ele é o Deus de todos. Continua orgulhoso

das suas raízes judaicas, mas descobre Deus com os olhos dos outros. O Deus Vivo e Único é também o Deus dos outros... incluindo aqueles que andam à procura. É o Deus dos que, como Zaqueu, não se acomodam e O procuram para darem uma reorientação total à vida.

Ao olhar Zaqueu empoleirado nos ramos de uma figueira, ao convidar-se para sua casa e sentar-se à mesa com esse marginal, Jesus vem recordar-nos: Acabaram todos os particularismos criados pelo mundo religioso

A história de Zaqueu mostra-nos que o cristianismo é incompatível com uma apropriação de Deus por parte dos crentes.

judaico do seu tempo. O “Abba” que Ele anuncia não é apenas o “Deus dos nossos pais”. É o Pai Universal e não um deus sobre o qual possamos ter qualquer monopólio: é o nosso Deus e o Deus dos outros. É o Deus que busca também os marginalizados pelos sistemas religiosos, como era o caso de Zaqueu, considerado um pecador público.

Se o que acabo de partilhar é verdade, isto tem consequências que nem sempre somos capazes de assumir. Abordarei 3 dessas consequências, que me parecem fundamentais para entendermos a missão das Igrejas cristãs. As nossas comunidades são, antes de mais, gente à procura como Zaqueu. Os cristãos não podem transformar-se num “ghetto” de eleitos, que olham depreciativamente

para os outros. Foi essa a reação de muitos que seguiam Jesus em Jericó. O texto é claro: “...começaram todos a criticar e a dizer que Jesus tinha ido hospedar-se em casa de um homem de má fama” (Lc. 19, 7).

Se o “Deus dos nossos pais” é o Abba Universal, então é urgente descermos do monte do nosso orgulho e descobriremos os seus vestígios em todas as autênticas tentativas de balbuciar o Seu Nome. Trata-se então de não impormos a nossa linguagem (também a teológica) a todos. É urgente percebermos que não precisamos todos de falar a mesma língua, pois a Igreja, nascida no Pentecostes, fala todas as línguas. A beleza está nesta diversidade querida e criada por Deus. Disso nos fala o olhar de Jesus à procura de Zaqueu – o marginal – para o reintegrar na sua nova comunidade, onde há lugar para todos.

Finalmente, não esqueçamos que Jesus não só procurou com o olhar o “maldito” Zaqueu, mas entrou na sua casa e sentou-se à mesa com ele. Dizem os exegetas que esta “comunidade de mesa”, foi uma das atitudes mais “revolucionárias” do Profeta Jesus de Nazaré. E o impacto foi de tal natureza que a vida de Zaqueu experimenta uma reorientação radical. Ele que até ali pensara apenas em encher-se e explorar ao máximo os proventos da sua profissão, dá-se conta de que a Beleza da vida aponta numa outra direção. “*Vou dar aos pobres metade dos meus bens e a quem prejudiquei vou dar-lhes quatro vezes mais.*”

Vejam o que nós poderíamos aprender com o Zaqueu de Jericó! •

JEAN VANIER: O PROFETA DA TERNURA



DOMINGOS SOUSA

d.sousa1@hotmail.com

Aqueles que são marginalizados e considerados fracassados podem restaurar equilíbrio ao nosso mundo. Se acolhemos aqueles que são rejeitados, eles podem transformar-nos. Este é o evangelho e a nova ordem instituída por Jesus.

Faleceu a 7 de maio de 2019, aos 90 anos de idade, Jean Vanier, filósofo e teólogo canadiano, fundador das Comunidades A Arca. É considerado uma das grandes figuras proféticas do nosso tempo. As palavras em epígrafe expressam o espírito que inspirou a ação por ele desenvolvida, ao longo de mais de cinco décadas, a favor de pessoas com deficiência mental.

Em 1963, o Pe. Thomas Philippe, seu amigo e diretor espiritual, convidou Jean Vanier a visitar uma instituição psiquiátrica em Trosly-Breuil, uma pequena vila situada no nordeste de Paris. Aí defrontou-se com o comovente sofrimento de pessoas com deficiência mental, votadas ao abandono. “Vi raiva e dor no rosto destes homens, mas também uma grande ternura”,

conta ele mais tarde num dos seus livros. Um desses homens perguntou-lhe: “queres ser meu amigo?” Estas palavras e o sofrimento que observou nas instituições que visitou terão tocado profundamente a vida de Jean Vanier. No verão de 1964 passa à ação. Sem uma ideia clara do seguimento a dar à iniciativa, convida dois homens com deficiência mental a viver com ele numa casa rural lapidada, que adquiriu em Trosly-Breuil. Nasce assim o movimento internacional de comunidades A Arca. À imagem da Arca de Noé, Jean Vanier desejava “salvar os que puder do dilúvio da civilização”. O intuito não era transformar o mundo. Visava antes “criar pequenos espaços

Jean Vanier depressa se deu conta que eram as pessoas com deficiência mental que o transformavam.

onde o amor seja possível”. Inicialmente achava que estava a realizar uma obra de caridade. Mas depressa se deu conta que eram as pessoas com deficiência mental que o transformavam. Recordaria mais tarde que eles haviam sido para ele “mestres de ternura”.

Como uma pequena semente de mostarda, o movimento A Arca foi crescendo. Hoje conta com 154 comunidades espalhadas por 38 países. Acolhe milhares de pessoas com deficiência mental em pequenos lares,

onde convivem num ambiente familiar com pessoas que as acompanham e as ajudam a desenvolver as suas capacidades e talentos. Jean Vanier observa que viver com pessoas em situação de debilidade e estabelecer relação de amizade com elas, obrigam-nos a descer dos nossos pedestais e a reconhecer a nossa humanidade comum. O que é importante não são os nossos conhecimentos e influência, mas o amor oculto no nosso coração, que nos impele a criar proximidade com aqueles cuja vida está marcada por debilidade e fraqueza. Ele denuncia a crueldade das nossas sociedades que promovem os fortes e rejeitam os fracos. A missão de A Arca visa precisamente derrubar os muros que separam os fracos dos fortes e criar comunhão entre todos.

Havia algo que entristecia Jean Vanier. Por vezes, parecia-lhe que dentro da Igreja o trabalho com os pobres era apresentado como uma vocação destinada a uma minoria. Não devia ser assim. O trabalho e a atenção aos pobres é vocação de todo o cristão. Ele advertia que ignorar o sofrimento dos pobres significa ignorar Deus. Pobreza, porém, não tem a ver apenas com carência material. Consiste também em abandono, solidão, exclusão e rejeição. Por isso, ele urgia as pessoas a começar com pequenos gestos. A criar espaço e disponibilidade nas suas vidas para, por exemplo, uma pessoa idosa só, para alguém abandonado, abatido e incapacitado. •

QUE É FEITO DE TI

ANTÓNIO MANUEL CARVALHO MARCOS



Natural da freguesia de Aldeia da Ponte, terra de boa gente, e com um grande legado na SVD com os nossos conterrâneos Pe. José Vaz e Pe. António Lopes, dos quais sou primo. Estive no Tortosendo, onde ingressei após a conclusão da primária em Vilar Formoso, através da mão do nosso tão estimado e saudoso Pe. Lúcio. Éramos sem dúvida a maior comunidade nessa altura no Seminário do Tortosendo, à volta de vinte elementos de Aldeia da Ponte.

Não me recordo do ano da minha saída, mas depois fui para a Guarda e a seguir para Santarém onde completei o antigo 7º ano.

Vim para Lisboa depois do serviço militar onde me encontro e vivo ainda hoje. A minha vida profissional começou por um trabalho numa Agência de Viagens e, passado alguns anos, acabei por abrir uma eu próprio a qual ainda hoje existe.

Em termos académicos fiz a licenciatura em Relações Internacionais, que embora não tenha muito a ver com a minha vida profissional tem-me ajudado bastante a compreender este ramo e abriu-me muitos horizontes a nível internacional.

Estou casado com uma santa mulher, Amélia Almeida, médica anestesista no hospital de Stª Maria em Lisboa, que me tem aturado ao longo dos 35 anos que estamos juntos. Desta relação surgiram dois rebentos, a nossa filha Isabel, formada em farmácia e a frequentar medicina na Universidade Nova, com 28 anos e mãe do meu neto Vasco que tem agora 3 meses; e o Afonso, com 20 anos, estudante de economia e finanças no ISEG.

Por sorte acabei por vir a relacionar-me com alguns antigos colegas do Tortosendo, e a continuidade desses encontros veio a dar frutos. Todos nós tínhamos ainda o “bichinho” da música incutido pelo grande Maestro Rosa Soares. Lançados alguns desafios acabámos por avançar com o projeto musical “Beata Tempora” com quatro elementos, eu e o Francisco Barroso, o Ant.º Registo e o Ricardo Figueira. Hoje somos sete elementos, três deles com outras origens, mas que vieram trazer uma mais-valia ao grupo.

ATUALIDADE

ENCONTRO DOS ANTIGOS ALUNOS SVD



Devido às obras de remodelação do interior do Seminário, o Encontro Nacional foi mais tarde que o habitual, decorrendo a 22 e 23 de junho no *Steyler Fátima Hotel*, em amplas e modernas instalações, novidade para a maioria dos mais de 90 participantes.

A missa vespertina na Capela Arnaldo Jansen, foi presidida pelo P. Jorge Fernandes, concelebrando o P. Valentim, P. Manuel Abreu e P. José Maria Cardoso, novo Superior Provincial de Portugal. O António Registo esteve na regência dos cânticos, acompanhados pelo grupo musical "Beata Tempora", com bandolim, 4 violas e caixa de percussão. O P. Jorge, vindo de Itália, e colocado na comunidade de Fátima, deu testemunho dos 50 anos de sacerdócio que celebra este ano. A Eucaristia foi participada com entusiasmo, e aplauso no final para músicos e coro.

Após o jantar, muitos foram ao Santuário, para a recitação do terço e Procissão de Velas com a imagem de N^a Sr.^a de Fátima. O regresso foi rápido devido à proximidade do hotel. Em sala cedida, decorreu o serão cultural com apresentação do livro *Choupanas e Palácios*, de Porfírio Pinto, sobre a obra do P. António Vieira. O P. David Sampaio fez a contextualização da produção literária do P. Vieira, missionário no Brasil, notável pregador, conselheiro político, teólogo... e jesuíta. O autor teceu considerações sobre o livro.

O serão decorreu animado com canções populares tocadas pelo grupo musical e cantadas por todos. Seguiu-se a tradicional ceia com os petiscos regionais e especialidades caseiras, além das saborosas cerejas do Fundão.

No domingo houve romagem ao cemitério de Fátima para homenagear os membros da SVD ali sepultados, sendo colocada uma coroa de flores e feita oração. Outros foram em visita guiada conhecer as novas instalações do Hotel Verbo Divino. A Associação teve a sua Assembleia-Geral para análise e planeamento das atividades! Houve foto de grupo, seguindo-se o almoço de convívio com as despedidas... e até para o ano!

António Pinto

INTENÇÕES DO PAPA

Agosto

Para que as famílias, graças a uma vida de oração e de amor, se tornem cada vez mais "laboratórios de humanização".

Setembro

Para que os políticos, os cientistas e os economistas trabalhem juntos pela proteção dos mares e dos oceanos.

EM AGENDA

3-10 agosto

Diálogos: Semana Missionária, Guimarães

17-25 agosto

Diálogos: Semana Missionária, Almodôvar

26-31 agosto

Curso de Missiologia, Fátima

2-6 setembro

Retiro da Província Portuguesa SVD, Fátima

8 setembro

Aniversário da Fundação SVD

28 setembro

50 Anos de Ordenação Presbiteral:

David Barbosa e Rodrigo Carvalho

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Ap. 2 - 2496-908 Fátima

☎ 249 534 116

@ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

Dia Nacional da Liberdade Religiosa e do Diálogo Inter-Religioso

O Parlamento português aprovou, por unanimidade, no dia 21 de junho, a proposta de criação do Dia Nacional da Liberdade Religiosa e do Diálogo Inter-Religioso, que se vai celebrar anualmente a 22 de junho. A iniciativa partiu de uma petição conjunta da Comissão da Liberdade Religiosa e o Alto Comissariado para as Migrações.

Peregrinação da diocese de Beja

A diocese de Beja realizou a sua XV Peregrinação a Fátima nos dias 29 e 30 de junho, presidida pelo D. João Marcos, tendo como horizonte os 250 anos da restauração da diocese no próximo ano. Estão previstos vários eventos a assinalar a data, já com início neste novo ano pastoral.

Tema das Jornadas Mundiais da Juventude 2022

O Papa Francisco anunciou o tema escolhido para as Jornadas Mundiais da Juventude, a decorrer em Lisboa no verão de 2022: "Maria levantou-se e partiu apressadamente" (Lc 1, 39).

Perfil estatístico

Arnoldus Nota de junho apresentou o seguinte perfil estatístico da Congregação na zona Ásia-Pacífico a 1 de janeiro de 2019: províncias: 16; regiões: 3; missões: 1; membros em votos perpétuos: 2171 (bispos: 23, sacerdotes: 1862, irmãos: 232, escolásticos em votos perpétuos: 54); província com maior número de sacerdotes e irmãos: Indonésia-Ende, 195 e 46 respetivamente; membros em votos temporários: 600 (escolásticos: 543; irmãos: 57); noviços: 338.

Workshop para novos missionários

O primeiro workshop para os novos missionários que foram destinados para a Europa realizou-se em Budapeste, Hungria, de 12 a 18 de maio. Foram 40 os participantes, incluindo dois facilitadores. De Portugal participaram os padres Ailton Lopes, Dinis Bhalrai e Jomy John.

Atualmente, 285 missionários svd não europeus, de 23 nacionalidades, trabalham em vários países da Europa.

XII Capítulo Geral

As Irmãs Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua tiveram o seu Capítulo Geral de 17 de junho a 17 de julho. O tema do Capítulo foi "Buscando o rosto de Deus", com o enfoque: "Ser sinais, como contemplativas ao serviço da adoração perpétua, da missão profética da Igreja, virgem, cónjuge, e mãe".

ASSINATURAS

O custo anual das seis edições de *Contacto svd* é de 3,00€.

O último ano pago está indicado na folha de endereço.

Para fazer a transferência bancária

IBAN é: PT500010 0000 0251971000178 (Seminário M Verbo Divino)

Para qualquer esclarecimento suplementar contactar o Secretariado das Missões - Tel. 249 534 116 - Brigitte Martins

E-mail: proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

A Administração de *Contacto svd*

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas.**

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____

Data nascimento: ____ / ____ / ____ ☎ _____

@ _____ (Assinatura 3€)

Missionários do Verbo Divino * Rotunda dos Peregrinos, 101 * 2495-412 FÁTIMA

☎ 249 534 116 * @ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

☎ PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Autizo o tratamento dos dados indicados para o fim a que se destinam e para a divulgação de publicações da Congregação do Verbo Divino.

Vidas que falam

50 ANOS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Os padres

Joaquim Teixeira e Jorge Fernandes estão a celebrar 50 anos de Ordenação Sacerdotal. *Contacto svd* pediu-lhes algumas palavras sobre este significativo acontecimento.



CENTRAR-ME NO ESSENCIAL

A celebração dos meus 50 anos de sacerdócio – a decorrer neste ano 2019 – oferece-me uma bela ocasião para me centrar no essencial: olhar agradecido o passado, empenhar-me com a decisão possível no presente e cultivar uma visão esperançosa quanto ao futuro. Julgo ter



motivos mais que suficientes para isso, pois sei em Quem confio.

Depois da formação teológica na Alemanha, de 1965 a 1969, animado pelos impulsos teológicos e humanos que o Concílio Vaticano II proporcionava, recebi a primeira (e única) destinação missionária para a Província Lusitana da Congregação do Verbo Divino. Aqui chegado, fui enviado para a Casa SVD de Guimarães onde permaneci durante 8 anos. Os primeiros 5 anos na educação-formação dos seminaristas e 3 anos como reitor da Instituição.

Em 1977, elegeram-me Superior Provincial e vim para Fátima onde permaneci 6 anos nessa qualidade e, depois, mais 6 como reitor nesta Casa. Durante 24 anos (1983 - 2007) desempenhei o cargo de ecónomo provincial com o desafio de consolidar a autonomia económica desta porção da Congregação do Verbo Divino, o que graças a Deus con-

seguimos. Em 1989 fui enviado de novo para Guimarães. Desempenhei aí dois mandatos como reitor dessa Casa missionária e, em 1995, fui reenviado para a nossa Casa de Fátima. Aqui estou procurando continuar a servir a Missão da Igreja na SVD. Nas últimas duas décadas, os Superiores têm-me responsabilizado com a condução da economia local. Por convicção e talvez até por natureza, procuro responder com lealdade e numa atitude de serviço evangélico às solicitações com que um missionário do Verbo Divino é diariamente confrontado.

E nestes 50 anos o que mais me alegrou? Confesso reconhecer a mão de Deus a conduzir-nos. E isto alegra-me imenso! Participei em dois Capítulos Gerais, o Capítulo Geral de 1977 e o 1982 (portanto, no começo e no fim do meu tempo como Provincial SVD). Estes dois Capítulos tinham como tema principal a renovação da Lei fundamental da nossa Congregação, as Constituições. Aqui pude experimentar o valor da nossa herança espiritual e eclesial, como somos conduzidos pelo Espírito Santo no tempo e como a Congregação procura dizer-se bem neste tempo que é o nosso. Considero esta experiência longínqua como decisiva na minha vida e ação e tem contribuído para me dar ânimo no serviço à Missão na SVD.

E agora o que me resta? Quero continuar a olhar o horizonte com a confiança que me animou durante estes 50 anos. Oxalá saibamos todos nós, como comunidades SVD, perceber os impulsos do Espírito e responder aos desafios que Ele continuamente suscita na Sua Igreja.

Joaquim Teixeira

DEIXAR-SE MOLDAR PELO ESPÍRITO

O que significaram estes 50 anos de sacerdócio na minha vida? Para responder a esta questão é necessário recordar que, há um único e Sumo Sacerdote. Para dar visibilidade a esse sacerdócio, Jesus Cristo chama alguns a participar do mesmo. Quer dizer, o sacerdote deveria dar continuidade ao mistério da Encarnação do Verbo Divino. As suas mãos foram feitas para abençoar, curar e fazer o bem ao jeito de Jesus, o seu coração para amar como Jesus amou e deu a vida por nós. Na celebração da Eucaristia, por exemplo, o sacerdote age *"in persona Christi"* (ou seja, no lugar da pessoa de Jesus); quando perdoa os pecados do povo, fá-lo em nome de Jesus; quando anuncia a Boa Nova, empresta a voz a Jesus. Que enorme responsabilidade!



Por essa razão, o sentimento que me invade é, por um lado, de profunda alegria e gratidão por estar associado a este grande mistério de dar visibilidade ao Senhor e agir em seu lugar. Por outro lado, sinto uma grande insuficiência ao confrontar a pobreza espiritual da minha vida com a grandeza da vocação a que fui chamado.

Os Superiores confiaram em mim e

chamaram-me a exercer muitos e variados serviços. Passei 25 anos em Portugal (1969-1995) e outros 25 anos pela Europa (Espanha, Itália e Áustria entre 1995-2019). Nunca me senti infeliz com o que estava a fazer. Não pretendi levar para a frente projetos pessoais, disponibilizei-me para o que me pediram e isso deu-me sempre uma sensação de grande liberdade interior. Passei um ano sabático no Brasil (1978-79), que foi de grande significado para mim, que nesses anos assumi a Procuradoria das Missões. Seguiram-se anos de algum dinamismo e criatividade. O *Contacto svd* nasceu nesses anos.

No entanto, os últimos 5 anos em Roma (2013-18) foram anos de descobertas interessantes: a proximidade ao Vaticano e a eleição do Papa Francisco, a crise que ainda estamos a viver e o facto de os meus estudantes no *Collegio san Pietro* me quererem bem, contribuíram para dar a estes anos um grande significado. Aprendi, por exemplo, que no trabalho pastoral o que decide a qualidade da nossa vida e aquilo que lhe dá beleza, não é tanto o que fazemos, as obras sociais que erguemos ou os títulos académicos que adquirimos, mas a proximidade humana, o bem-querer, a amizade, a serenidade e a paz que se cria à nossa volta. Influencia a vida dos outros, quem se vai deixando moldar pelo Espírito e irradia a luz e a beleza do Evangelho. É belo estar metido nesta missão por chamamento e graça de Deus.

Jorge Fernandes